

FITIM promove seminário sobre NAMA em Salvador	01
Cúpula do Mercosul rechaça Diretiva de Retorno	02
Aprovação para o etanol brasileiro	03
Sindicato australiano agradece solidariedade brasileira	04

INTERNACIONAL

FITIM promove seminário sobre NAMA em Salvador

Encontro na capital baiana reuniu representantes de sindicatos metalúrgicos de sete países da América Latina



Entre os dias 26 e 27 de junho, na cidade de Salvador, o escritório regional da FITIM para a América Latina e Caribe promoveu seminário sobre o NAMA (Acesso a Mercados dos Produtos Não Agrícolas), destinado aos sindicatos do Mercosul e Comunidade Andina.

O responsável pelo escritório regional da FITIM no continente, Jorge Almeida, enfatizou a importância da discussão sobre questões de livre comércio, especificamente sobre o NAMA, ainda não como assunto restrito ao ramo metalúrgico, mas também previu impactos na produção e nos empregos neste setor.

Almeida também ressaltou a variedade de posicionamentos sobre o assunto e alertou que é preciso entendê-los, para traçar de forma conjunta as estratégias sindicais. "Não podemos deixar de lado as crises do setor ambiental, alimentar e energético, bem como tudo que envolve a China", disse.

O secretário-geral adjunto da FITIM, Fernando Lopes, fez um resgate sobre o significado do NAMA e detalhou os últimos desenvolvimentos sobre o assunto, que também está sendo discutido na Organização Mundial do Comércio (OMC). Ele relembra que historicamente as regulações comerciais eram feitas com base no poder e até por meio de armas. "Em 1948 nasceu o GATT, assinado por 30 países, e foi primeiro acordo sobre regras comerciais. Já em 1986, com a rodada do Uruguai, que durou até 1994, originou-se em 1995, a OMC - como organização da ONU para tratar do comércio", lembra.

Hoje são 152 países que fazem parte da OMC, na qual não existe composição tripartite, como na OIT, mas as decisões são tomadas por consenso sendo os países nações os responsáveis por toda a discussão.

Em 2001 iniciou-se a rodada de Doha, que é conhecida como rodada do desenvolvimento, uma vez que buscava ampliar as possibilidades de venda dos produtos agrícolas dos países em desenvolvimento, baixando as tarifas fiscais dos países desenvolvidos. >>>>

Contudo, para seguir nesta discussão, os países desenvolvidos quiseram que as nações em desenvolvimento reduzissem suas tarifas em relação aos produtos NAMA, - no que se inclui mais 8 mil produtos de mercados de bens industriais, recursos florestais, pesca, peles, minerais, pedras e pedras preciosas.

Até os dias atuais não se chegou a um consenso sobre os assuntos dessa rodada e são muitos os aspectos a serem considerados para fazê-lo.

Fernando Lopes enfatizou ainda a necessidade da ação sindical junto a seus governos como forma de influenciar as decisões da OMC.

Por fim, Alexandre Barbosa fez uma apresentação de um estudo desenvolvido pelo Observatório Social sobre os impactos do NAMA nos empregos do Brasil e Argentina, que mostra como as atuais propostas de redução das tarifas, calculado a partir da chamada "fórmula suíça", impactará os diversos setores que compõem o ramo metalúrgico.

Próximos passos - Durante o evento ainda foi construído um plano de ação em conjunto para o movimento sindical de todos os países envolvidos. Segundo o vice-presidente da CNM/CUT, Marino Vani, hoje não há livre comércio, mas comércio de interesses de grandes empresas que estão acima de governos e estados.

"É preciso que haja regulamentação do comércio a nível global, diferente do que vem sendo proposto na OMC (NAMA), para que esta relação seja mais justa e tenha como principal foco o desenvolvimento humano e econômico de todos os países em desenvolvimento. Neste processo os trabalhadores e a sociedade devem estar muito atentos, articulados e pressionando os seus governos para que o interesse da maioria seja contemplado", afirmou.

Segundo Vani, tem que haver um constante reforço dos sindicatos locais, nacionais, das centrais sindicais de todos os países e em escala internacional para que as entidades tenham e desenvolvam ações políticas de resistência e proposição. "Assim, o movimento sindical cumpre o papel de sujeito político que luta pelos interesses imediatos e estratégicos de toda a classe trabalhadora para a construção de um mundo mais justo", finalizou.

Estiveram presentes representantes sindicais metalúrgicos da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Paraguai, Uruguai e Venezuela. A FITIM foi representada por Fernando Lopes, Suzana Muller e Jorge Almeida. *(Flávia Silva, Valter Bittencourt e Mayara Baggio - Imprensa CNM/CUT)*

Cúpula do Mercosul rechaça Diretiva de Retorno

Reunidos na XXXV Cúpula do Mercosul, em Tucumán, Argentina, chefes de estados-membros e membros associados do grupo condenaram, em declaração conjunta divulgada hoje (1º), a "Diretiva de Retorno", aprovada no dia 18 de junho pelo Parlamento Europeu. Os presidentes sul-americanos solicitam a União Européia que reflita sobre sua posição a fim de garantir os direitos humanos dos migrantes.

Os presidentes instruem seus ministros de Relações Exteriores a adotarem as medidas necessárias para que consulados, seções consulares e embaixadas resolvam os problemas que possam ser ocasionados pela Diretiva. Na declaração, eles denunciam que a medida é contrária à própria normativa européia sobre o direito humanitário consagrado no Convênio Europeu de Direito Humanos e na Carta dos Direitos Fundamentais da União Européia.

"A legislação aprovada questiona o 'interesse superior as criança', consagrado na Convenção das Nações Unidas dos Direitos da Criança; dificulta o princípio da reunificação familiar e avança restritivamente sobre os direitos e obrigações estabelecidos no protocolo sobre o estatuto dos refugiados (1967)", afirmam.

Eles lembram também que a medida constitui uma contradição à histórica hospitalidade dos povos sul-americanos, pois, durante séculos, imigrantes procedentes de todo o mundo chegaram ao continente sendo recebidos sem critérios. "Reivindicamos o aporte positivo de nossos migrantes conacionais em todos os países de destino da União Européia, tanto no plano social e cultural como no econômico, segundo constataram estudos científicos europeus sobre a matéria", ressaltam. *(ADITAL,01.07.2008)*

Aprovação para o etanol brasileiro

Etanol brasileiro é o biocombustível mais favorável do mundo, diz Oxfam

A Oxfam, conhecida organização não-governamental dedicada ao combate à pobreza no mundo, disse que o " etanol brasileiro é o mais favorável biocombustível do mundo".

A declaração está no relatório "Uma Outra Verdade Inconveniente", divulgado nesta quarta-feira, e que critica duramente a forma como os países ricos estão lidando com o planejamento e fomento da produção de biocombustíveis.

O relatório diz que a substituição de combustíveis tradicionais por biocombustíveis levaram mais de 30 milhões de pessoas à pobreza e em nada contribuem para combater mudanças climáticas.

Segundo o documento, as chamadas "políticas verdes" dos países desenvolvidos -estão contribuindo para a elevação dos preços dos alimentos - o que atinge mais os pobres.

O texto cita dado do Banco Mundial, que estima que o preço dos alimentos subiu 83% nos últimos três anos.

O autor do relatório, Robert Bailey, criticou os subsídios e incentivos fiscais "generosos" concedidos por países ricos para apoiar sua própria produção de biocombustível, aumentando rapidamente inclusive metas e impostos de importação, o que "tem sido usado para proteger interesses de seus agricultores".

"Os países ricos gastaram até US\$ 15 bilhões no ano passado para apoiar seus próprios biocombustíveis ao mesmo tempo em que impedem a entrada do etanol brasileiro, que é mais barato e que é muito menos prejudicial para a segurança alimentar global e para o meio ambiente", disse.

"Este é o mesmo montante que a Oxfam diz ser necessário para ajudar os pobres a enfrentarem a crise de alimentos."

O relatório da Oxfam diz: "Embora a produção de etanol brasileiro esteja longe de ser perfeita e apresente vários problemas sociais e de sustentabilidade ambiental, este é o mais favorável biocombustível no mundo em termos de custo e equilíbrio de gases do efeito estufa".

O documento inclui uma comparação com o biocombustível proveniente do milho produzido nos Estados Unidos, dizendo que sua produção é muito dependente de combustíveis fósseis, representando "um dos piores" equilíbrios entre gases do efeito estufa e uso de energia.

O relatório pede à União Européia (UE) que cancele a meta de fazer com que 10% dos transportes no bloco usem biocombustíveis até 2020. A Oxfam estima que a meta da UE pode multiplicar as emissões de carbono 70 vezes até 2020 por causa da mudança na utilização de terra.

Há expectativa de que um outro relatório - o aguardado "Relatório Gallagher", numa referência a Ed Gallagher, um acadêmico à frente da Agência para Combustíveis Renováveis da Grã-Bretanha - a ser divulgado ainda esta semana, leve a uma revisão das metas da Grã-Bretanha e da União Européia relativas ao uso de combustíveis derivados de plantas.

O governo britânico introduziu uma porcentagem de 2,5% de biocombustíveis nos transportes em abril passado.

Oxfam pede cautela Para os países em desenvolvimento, a Oxfam recomenda cautela na condução de seus programas de produção de biocombustíveis, pois embora eles sejam "uma fonte alternativa de energia sustentável para os pobres em áreas marginalizadas, os potenciais custos econômicos, sociais e ambientais podem ser altos".

Estes países deveriam planejar seus programas para longo prazo, evitar metas ambiciosas e analisar o impacto dos biocombustíveis na sociedade.

A Oxfam dá ainda recomendações para companhias e investidores. A ONG sugere em seu relatório que elas deveriam se certificar de que nenhum projeto de biocombustível se realiza sem antes obter o consentimento de comunidades locais, e devem promover o acesso à energia em áreas remotas. (*Zoonews, 25.06.2008*)

Leia o informe completo da Oxfam "**Otra verdad incómoda**"_ (em espanhol (pdf))

Sindicato australiano agradece solidariedade brasileira

O presidente do sindicato australiano CFMEU Mining & Energy Division (Divisão de Mineração e Energia do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, Madeiros, Mineradores e no Setor de Energia), Tony Maher, enviou carta de agradecimento aos metalúrgicos brasileiros por conta do apoio prestado aos colegas da Oceania durante luta do sindicato local a favor de um Contrato Coletivo para trabalhadores na mina de Carborough Downs.

Veja abaixo a carta de agradecimento:

Ao companheiro João Batista e a todos os companheiros e companheiras da Rede Sindical Nacional dos Trabalhadores da VALE

Solidariedade Internacional realmente funciona!

Muito obrigado a vocês por nossa conquista na mina de Carborough Downs, na Austrália

Estou escrevendo em nome do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, Madeiros, Mineradores e no Setor de Energia, na Austrália, para expressar nosso profundo agradecimento pela grande ajuda que os sindicatos da Vale nos deram, durante a nossa disputa com a empresa, na mina de carvão da Carborough Downs.

Nos últimos 10 a 15 anos, o sindicato CFMEU não conseguiu avanços nas penosas disputas com muitas empresas mineradoras na Austrália, que se empenharam para que os seus trabalhadores em todas as minas, se desfiliassem do sindicato. As empresas foram assistidas e encorajadas por um governo nacional que queria destruir os sindicatos.

Agora, aquele governo não existe mais, mas muitas leis desfavoráveis ainda permanecem. A maioria dos trabalhadores da mina Carborough Downs se afiliam ao sindicato e querem um acordo coletivo, mesmo sabendo que havia um esforço pela gerência em excluir o sindicato do local de trabalho. Embora esta política tenha se iniciado com os antigos proprietários da mina, a gerência local continuava utilizando-a, mesmo após a sua aquisição pela Vale.

Como resultado das ações da Rede de Trabalhadores dos Sindicatos da Vale, aquela política agora mudou! Apelamos por ajuda, vocês se esforçaram para isso e conseguiram. A ação, realizada por vocês, de levar o assunto diretamente ao Conselho Administrativo da Vale, produziu resultados imediatos. A gerência da mina Carborough Downs enviou correspondência ao sindicato CFMEU afirmando que o consultará sobre futuras contratações, que, temos esperança, conduzirá a um acordo coletivo pelo sindicato, embora ainda não tenha sido feito.

Este acontecimento demonstra que quando os trabalhadores juntam suas forças através dos seus sindicatos pelo mundo, podem ter grandes avanços. Com a Vale e um grande número de outras empresas chaves mineradoras tornando-se gigantes de recursos globais, haverá uma maior necessidade de um trabalho conjunto pelos sindicatos.

O CFMEU saúda os sindicatos da Vale do Brasil! Vamos lutar juntos para o avanço dos trabalhadores da Vale em todos os lugares!

Em solidariedade,

Revista do Brasil chega às bancas

A Revista do Brasil inicia seu terceiro ano de edições mensais e vai ampliar sua circulação. Ainda nesta semana, com a edição nº 25, a publicação chega pela primeira vez às bancas. Em seus dois primeiros anos, a revista foi distribuída aos trabalhadores vinculados a 45 entidades sindicais dos mais diversos ramos de atividade profissional - bancários, metalúrgicos, dos setores químico e plástico, petroquímico, da área de saúde e da educação entre outros. Essa forma de distribuição continuará sendo operada normalmente.

Mas o grande interesse demonstrado por leitores que não integram essas categorias levou a editora Atitude, criada pelos sindicatos responsáveis pelo projeto, a lançá-la também nas bancas. Com o novo canal de distribuição, a tiragem também foi ampliada, para aproximadamente 400 mil exemplares. O preço de capa será R\$ 4,50.

Excepcionalmente, por conta do processo de contratação da distribuidora, a edição deve chegar nas praças de São Paulo e do Rio de Janeiro a partir de quinta-feira, dia 3. Em seguida, começa a chegar nas demais capitais e no DF. A partir da edição seguinte, ainda no mês de julho, a chegada às bancas deve se dar próximo ao dia 20.